

Conclusão

Em busca da ancoragem do criminoso sexual na fantasia e dos efeitos desta ancoragem na teorização das perversões, chegamos a um entendimento psicanalítico dos elementos em jogo na cientificação da perversidade como um diagnóstico, desde suas origens no século retrasado.

Se, como defendi outrora (Frota Neto, 2005), a categoria diagnóstica perversão é tomada por Freud apenas como ponto de partida, e tornada cada vez mais obsoleta à medida que avança sua obra, podemos agora identificar algumas das moções pulsionais que – ao lado das razões clínicas e das metapsicológicas, que certamente existem – resistem a esta obsolescência.

Ao buscarmos localizar nosso ponto de partida nas idéias de Freud a respeito das coletividades e sua dinâmica, percebemos nelas, aquém da submissão natural das massas e do papel do líder no estabelecimento e manutenção da intolerância, que na forma primitiva de laço grupal as funções de objeto de desejo, de líder e de inimigo nem mesmo chegam a se diferenciar entre si. Trata-se, naturalmente, do modelo da horda primeva, cujo centro organizador, o pai, define e localiza o eixo fantasístico onde encontramos as representações do criminoso sexual e do perverso.

Nascido de um conjunto institucional que responde ao perigo, o conceito científico de perversão, por sua vez, baseou-se, antes de mais nada, na crueldade, alçando o sadismo ao posto de perversão paradigmática. Somou-se a isto a herança teológica que levou Krafft-Ebing e seus contemporâneos a ratificarem, agora cientificamente, a doutrina teleológica das virtudes da genitalidade, por um lado, e os fantasmas da monstruosidade consequente de sua não-observância, por outro. A figura do perverso, assim, reduziu, absorveu e confiscou os equívocos e inverossimilhanças que constituem as características próprias do monstro.

Passamos então a analisar as consequências do abandono freudiano de sua *neurotica* para a concepção psicanalítica das perversões. Pois a primeira destas consequências é a primazia da fantasia não só sobre a memória, os sintomas e, de forma geral, as formações do inconsciente, mas também sobre os comportamentos

sexuais, tentativas de atuação que estão longe de proporcionarem o gozo supremo que a inveja ocasionalmente lhes atribui. Freud opera, com esta ideia, uma distinção entre o sedutor perverso fantasístico, uma personagem mítica, remetida por cada geração à sua precedente, e o indivíduo que busca uma identificação com ele, tentando emulá-lo na conduta sexual que lhe é atribuída em fantasia.

A relação de qualquer sujeito com o perverso fantasístico fundamenta-se no masoquismo primário e na ambivalência inerente às satisfações passivas, que é suficiente para suscitar o horror. Sendo o masoquismo primário um esforço projetivo de deflexão da pulsão de morte, o horror às perversões é uma manifestação da angústia diante do iminente retorno de pulsões mortíferas recalcadas, e o séquito oitocentista de perversos insere-se na linhagem de personificações da inescapável e involuntária ação destas pulsões naqueles que os percebem.

O exame da reação de horror, por sua vez, nos levou a perceber que o monstro, assim como seu pálido herdeiro, o perverso, são produtos da *Verleugnung*: são a um só tempo invejosos, ou munidos de um desejo destrutivo, e plenos, pois supõe-se que gozem ilimitadamente – castrados e não castrados; daí encarnarem a essência da periculosidade mesma. Do pai primevo, a ancoragem do perverso na fantasia estende-se, pois, até a mãe fálica.

Nesta interseção, entre teratologia e psicopatologia sexual, localizam-se desde as superstições antigas e medievais até fenômenos históricos com consequências bastante reais, como a caça às bruxas promovida pela Inquisição. Afinal, as descrições das orgias incestuosas e escatológicas – o *Sabbath* – encontradas nos julgamentos de bruxas, que foram levados a cabo em inúmeras partes do mundo e às vezes até tão tarde quanto a segunda metade do século XIX, são predecessoras diretas dos estudos de caso de Krafft-Ebing.

A fim de aprofundar o estudo da projeção, da inveja e dos destinos da pulsão de morte, recorreremos, enfim, às idéias de Melanie Klein. Em Klein a origem do complexo edipiano, em especial de seu componente hostil, deriva não só do ciúme, mas também de uma espécie de anseio por um objeto externo que seja menos terrível que as representações psíquicas sádico-orais do objeto primário que o sujeito nutre. O complexo faz parte, pois, de um esforço de lidar

com a pulsão de morte, que atravessa todo o desenvolvimento e põe em ação, entre outros, a cisão do objeto primário, e a projeção e o deslocamento das moções hostis. Deste esforço de compromisso entre um isso sádico e um severo supereu arcaico produz-se objetos convenientes de ódio, notoriamente o pai, mas também a mãe, antes disso, e, entre outros, o sedutor perverso, depois, quando adquire a vantagem de ser plenamente sacrificável.

A fantasmagoria maniqueísta da posição esquizo-paranóide e o consequente sentimento de perseguição atualizam-se na atribuição de periculosidade aos criminosos sexuais, tornando-a proporcional não só à chance real de reincidência destes indivíduos, mas também à intensidade da ação da pulsão de morte naqueles que os avaliam.

A inveja, índice da frustração decorrente da insaciabilidade das pulsões, configura-se imediatamente em sua origem como ressentimento do seio, percebido como pleno e, consequentemente, mesquinho e hostil, posto que intermitente. A inveja então, que em Freud apresenta-se como inveja do pênis, tem como antepassado a inveja do seio e, para além dele, inveja da plenitude, ou da auto-suficiência. O curto-circuito no mecanismo de cisão que assim se instaura – um objeto sumamente bom, do qual dependemos completamente, mas que nos destrói por sua ausência – é o que é simbolizado não só na figura terrificante dos pais combinados – tal como na cena primária – mas também no aspecto ambíguo do perverso, desejante porém pleno, e empresta a inverossimilhança às suas descrições mais teratológicas.

O outro dos pólos entre os quais é situado o perverso, que segundo Lanteri-Laura está entre o ridículo e o monstruoso, é tributário das defesas maníacas contra uma situação paranóica subjacente. A marca destas defesas se apresenta no desprezo de determinadas práticas sexuais, na ênfase em seu caráter bizarro, bem como no controle e humilhação que perpassam o julgamento dos criminosos sexuais, em nome da negação do pavor que se tem dos objetos maus e da manutenção do sentimento de que se pode aniquilá-los. Além disso, a deflexão de culpa que a mania comporta pode inflacionar a real responsabilidade legal destes sujeitos e fomentar toda espécie de indignação virtuosa.

Em todo este trajeto pudemos identificar algumas das moções pulsionais

que ainda hoje reiteram noções oitocentistas a respeito das organizações mais heterodoxas da sexualidade. O masoquismo primário, a fabulação de sedução, o sentimento de horror, os produtos da Verleugnung, a inveja e as defesas paranóides e maníacas, todos estes elementos, quando assim abordados em relação ao tema da perversão como diagnóstico, talvez enriqueçam a práxis analítica, não só como crítica da cultura – no esforço necessário e constante de identificação das atuações contemporâneas do enredo arcaico do assassinato do pai primevo, a serviço da intolerância –, mas também como clínica, tanto no sentido de uma abordagem mais matizada e complexa da sexualidade – que não traga de antemão o molde que nela imprime o selo da perversão – quanto no sentido dos benefícios clínicos que podem advir do reconhecimento de que o lugar do algoz no discurso é um sintoma, mesmo quando este lugar é ocupado secundariamente, mediante identificação, pelo eu.